POMPEU SOBRINHO — DOUTOR MÁXIMO DO CEARÁ

José Parsifal Barroso

Faltaria à verdade se vos não revelasse, de início, que ao interpretar os sentimentos do nosso Instituto, nesta magna sessão comemorativa do 1.º centenário de nascimento de Thomaz Pompeu Sobrinho, ainda me sinto temeroso de não poder fixar a abrangência de sua obra imortal, em seu real dimensionamento, daí extraindo a essência do seu ideário, de doutor máximo do Ceará, sempre a serviço de sua gente.

A imensidade e a grandeza de sua bibliografia, levantada graças ao desvelo e à competência da douta Maria da Conceição Souza, deixaram-me em dúvida sobre se não seriam apoucados meus pobres recursos de interpretação, para o bom cumprimento de tamanha empresa.

E, se me dispus a dar conta de tão nobre e árdua tarefa, é porque de há muito entrou em desvalia a História em meio a uma estagnação cultural, que leva Mestre Gilberto Freyre a reclamar, acremente, porque o imortal Joaquim Nabuco não é mais lido, e também me leva a reconhecer que não se cuidou ainda de ultimar a edição das obras deixadas pelo nosso sábio Pompeu Sobrinho, no campo antropológico última e mais profunda etapa de sua prodigiosa evolução cultural, centrada na Geografia ativa.

Para se ter uma idéia de como o próprio Governo concorreu para apequenar a ponderabilidade da História, permito-me citar o grito de alarme que Mestre José Honório Rodrigues deixou ressoando em seu breve ensaio, intitulado "A Desordem Documental no Brasil" (**Suplemento Cultural**, do Estado de São Paulo, de 10.8.1980).

Ouçamo-la na gravidade de sua denúncia: "A crise é geral e se comunica a tudo. No momento, existem ameaças graves: uma, a da desburocratização, sem regras de seleção documental e sem recolhimento obrigatório"; e outra, a da fundação de instituições extravagantes, como a Fundação Pró-Memória.

O Brasil é o único país do mundo que criou essa extravagância, em vez de criar um Instituto de Pesquisa Histórica, é o único que acabou com o ensino, nos dois graus, da história nacional e quer acabar com a palavra História e substituí-la pela palavra memória. A memória é depósito, não crítico, de informação, enquanto a história é análise, é crítica. Não há memória utilizável, sem cultura histórica".

Justamente porque vão decrescendo, assustadoramente, o zelo e o interesse pela real ponderabilidade da História e da Geografia, é que se impõe um decidido esforço pelo encontro das sementes vitais e valiosas do ideário que meu inesquecível Mestre Pompeu Sobrinho fixou, de olhos fitos no Ceará e no Nordeste, a que serviu com a devotada paixão de sábio e de apóstolo.

Sustento, de há muito, a tese de que os insignes Pompeus são os guardiães da Geografia no Ceará, e foi meu Mestre Thomaz Pompeu Sobrinho quem mais e melhor a estudou e pesquisou, conceituando-a sempre como Ciência interdisciplinar, porque o espaço geográfico é de formação sócio-espacial, como expressão fenomênica da formação econômico-social.

Sempre esteve a serviço da Geografia, cuja natureza é ativa, nova e libertadora, como seu ideário o foi. Basta a qualquer um dar-se ao trabalho de joeirar no tesouro de suas obras, para se render à evidência de que prepondera em Pompeu Sobrinho o interesse geográfico, de que é maior e mais convincente exemplo sua monumental **Proto-História Cearense.**

Ciente de que outros historiadores, como João Ribeiro e Capistrano já haviam provado a anterioridade da descoberta do Brasil por Vicente Pinzon, busca complementar essa verdade histórica, através da geografia e da cartografia, adentrando-se em minudentes pesquisas para concluir que o navegador espanhol se fixou no litoral cearense, localizando os marcos desse descobrimento frustro, porque não oficializado.

Humanista nato, autêntico, vero e telúrico, nosso grande sábio Thomaz Pompeu Sobrinho, procurou sempre situar no

espaço geográfico, tanto os índios de sua predileção como o Homem do Nordeste, alvo predileto dos seus estudos, projetos e programas de defesa do Polígono das Secas.

Sua Geografia, como a complementação de sua Antropologia, tão centradas no Homem e postas a seu serviço, tantas vezes se debruçasse ele sobre os fenômenos físicos biológicos e humanos, em busca das causas de sua distribuição espacial e do seu interrelacionamento sócio-espacial.

Cuido ser de maior realce no pedestal de sua glória, ressaltar-se seu legítimo valor como Geógrafo ativo, atualizado e telúrico, somente preocupado com a problemática do Nordeste, e a valorização do Nordestino.

E porque o Homem Nordestino necessitava, como ainda necessita de ser compreendido, ajudado e salvo, alargou seu campo geográfico, avizinhando-o da Antropologia, em busca de um processo novo e justo de integração do binômio Homem-Terra.

Propunha-se a atingir toda a área ecumênica do Ceará, analisando nela todas as atividades intrínsecas e extrínsecas pois somente através dessa pesquisa científica, tornar-se-ia possível deduzir o caminho mais válido para o nosso Estado, viabilizando a árdua vida do seu grande e bravo povo.

A Reforma Universitária, entretanto, não lhe permitiu ultimar suas linhas de pesquisa e de ação, no último quartel de sua vida, com a extinção do Instituto de Antropologia, que fizera nascer e florescer como seu fundador e primeiro Diretor, dedicado a essa obra inconclusa, com um zelo que o devorou até a morte.

Mas o humanismo desse engenheiro paradigmático, que previu o arrombamento do açude Orós, e se tornou o maior técnico da antiga Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, em aproveitamento de recursos hídricos, o levou a ser, também, na Agronomia, um experimentador da melhor categoria, conforme observou à justa seu ilustre biógrafo, o erudito Professor Francisco Alves de Andrade e Castro ao ressaltar que, em 1916, para se tornar pioneiro do cultivo do algodão arbóreo, fez-se agricultor dessa espécie de malvácea, em sua propriedade rural, no Quixadá, de modo a ensinar o novo caminho aos produtores de algodão, através de sua própria experiência.

Não há dúvida de que, sempre fiel à vocação de experimentador, suas finais conclusões científicas sobre a valoriza-

ção do Nordeste e do Ceará, têm o sinal da verdade e a marca da sabedoria.

Ouçamo-lo na página final do seu profundo ensaio sobre **Valorização do Nordeste**, que é um perfeito Programa de Política Racional e Objetiva, a nortear o êxito dos projetos que dele decorressem, embora nosso Mestre Pompeu Sobrinho considerasse um simples Plano de Pesquisa Sócio-Cultural do Ceará.

"Aspira-se, em última análise, a um conhecimento amplo, positivo e claro do meio sócio-cultural e fisiográfico do Ceará, tal que permita compreender, sob base científica, o que é hoje e o que possa ser amanhã, mediante o ajustamento harmônico, mútuo, da terra ao homem, pela melhoria de suas condições de explorabilidade, e, do homem à terra, mercê de uma mudança social, convenientemente orientada **Valorização do Nordeste**. Imprensa Universitária, 1961, p. 16).

Aí está a súmula salvífica do desenvolvimento do Ceará e da valorização do cearense.

Admirável é que o sábio Pompeu Sobrinho, além de estudar os determinantes econômicos desse processo contínuo de valorização do Homem, ainda justifique os fatores que devem intervir numa característica mudança social.

Para tanto, faz-se mister que o Nordeste seja cientificamente esquadrinhado, para ser realizado com êxito o desejado ajustamento do homem à sua terra.

Mas, como prova do dimensionamento e da profundidade do humanismo do meu Mestre Pompeu Sobrinho, nada melhor do que se apreciarem as justificadas razões que o levaram a escrever em 1930, os admiráveis e oportunos **Retoques** ao **Retrato do Brasil**, de Paulo Prado.

Observe-se, de logo, que esse doutor máximo do Ceará tinha nas mãos prodigiosas e no seu cérebro privilegiado, um verdadeiro poder demiúrgico.

Tema em que tocasse, idéia por que se apaixonasse, pesquisa que o empolgasse, tudo logo se animava de intensa vida, através do seu oculto poder, passando a interessar a qualquer que de si se aproximasse, atraído pela Verdade que palpitava em qualquer setor de sua atividade multifária.

Permito-me observar que, em plena efervescência festiva do modernismo de São Paulo, soou de modo insólito e es-

tranho, a mensagem realista e pessimista do notável escritor Paulo Prado, sem que os modernistas reagissem a essa tese.

Mestre Pompeu Sobrinho, humilde e sóbrio, deu ao seu magnífico ensaio crítico o subtítulo de **Pequenos Retoques** ao livro de Paulo Prado. Mas por que o erudito autor de **Pequenos Retoques** tomou a si o pesado encargo de refutar a tese pessimista, desalentadora e triste do mestre paulista?

Certo estou de que Pompeu Sobrinho exerceu a magistratura do espírito nesse caso do **Retrato do Brasil**, em defesa da formação de nossa mocidade, como diz expressamente na primeira frase do seu oportuno livro: "No curioso **ensaio sobre a tristeza brasileira**, defende o ilustre autor uma tese que se nos afigura mal alicerçada; e, como pode repercutir desfavoravelmente no coração da mocidade nacional, julgamos oportuno aduzir as razões em que estribamos, modesta e despretenciosa contradita".

Logo após justificar o motivo de sua réplica, a páginas 44 e 45 observa que "O que eles mais desejam, já não é tanto o acúmulo sórdido de riquezas, mas a dominação da natureza virgem, queriam ser senhores, malbaratar poder e valor social.

A associação de tais sentimentos leigos e das crenças religiosas inspirara diversa orientação artística, que começa a se manifestar do segundo século da descoberta. Por esse tempo, a arte religiosa surge vigorosa sob várias modalidades, de acordo com o valor social dos agregados humanos "(**Retrato do Brasil — Pequenos Retoques**. Tip. Minerva, 1930, p. 44 e 45)

Em seguida, a páginas 50 e 51 da mesma obra, Mestre Pompeu Sobrinho observa com agudeza: "Como no período colonial, a ordem jurídica era falha, e muito grosseiro o processo de adaptação econômica do indivíduo ao grupo social, a coesão desta só podia ser eficientemente assegurada pela religião e pela moral. Daí, a conclusão fatal de que no seio da nova sociedade reinavam salutar moralidade e poderoso espírito religioso.

Conseqüentemente, não podiam proliferar em tal ambiente social vícios infrenes e paixões degradantes, com a intensidade e a extensão que se pretendem (**Retrato do Brasil — Pequenos Retoques**. Tip. Minerva, 1930, p. 50 e 51).

Delineada a forma de retocar o **Retrato do Brasil**, de Paulo Prado, urge ressaltar a primeira conclusão a que chega Pompeu Sobrinho; "O que prova que a sociedade evoluía rá-

pida e galhardamente é a maneira heróica e elegante com que os brasileiros vitoriosamente se defendiam das investidas temerosas dos franceses e holandeses. (**Retrato do Brasil — Pequenos Retoques**. Tipografia Minerva, 1930, p. 53.)

Vale ponderar que essa conclusão necessita de ser complementada por uma outra, a páginas 55, que assim finaliza o primeiro capítulo: "A sociedade, fortemente amparada pela terra, pela religião, pela língua comum, pela moral, pelos interesses econômicos, esboçava um aspecto político, de mais em mais bem definido.

Realmente, as numerosas e sucessivas manifestações nativistas o atestam (Obra citada, a páginas 55).

Eis como Pompeu Sobrinho vai retocando, a pouco e pouco, o **Retrato do Brasil**, triste e destoante melodia surgida em meio ao alvoroço festivo e tumultuário do Modernismo, em São Paulo.

Investe, sempre convicto, contra esse profundo ensaio sobre a tristeza brasileira, desfazendo a singular equação, que a apresentava como o produto final da soma da nossa luxúria com a nossa cobiça.

E assinala que o povo "não pretendia livrar-se da vigilância e governo da Igreja, mas, ao invés, desejava uma autoridade mais completa e efetiva, mais rigorosa (Obra citada — Citação de um autor, a páginas 11).

O sábio Pompeu Sobrinho descobre e conceitua na fase colonial "uma espécie de instinto dinâmico, dominando a maioria da nação" e não uma tristeza congênita.

Finaliza sua crítica afirmando à páginas 99, que "A tristeza brasileira nunca foi, nem é um fato generalizado. Sua localização tem variado no tempo e sua extensão se tem modificado. Koster, o perspicaz observador, o confirma."

Mas, em nota final ao pé da página 104, o humanismo realista do sábio o leva a proclamar: "Concluindo, julgamos que no Brasil só há tristeza sob o império da fome e das moléstias. Nos lugares naturalmente sadios, não se conhece nenhum abatimento coletivo de espírito, a alegria torna-se geral e irradia de todas as manifestações sociais" (**Retrato do Brasil — Pequenos Retoques**. Tipografia Minerva, 1930, p. 104, **in fine**).

À vista do exposto, é admirável que o humanismo telúrico de Pompeu Sobrinho fosse configurado de um sadio otimismo, e de um forte realismo, quando em boa verdade as lutas constantes de sua laboriosa vida o deveriam ter levado a uma decepção melancólica.

Desde sua primeira iniciativa progressista, que é a fundação da Escola Prática de Agricultura, em 1913, mantida pelo Sindicato Agrícola de Quixadá, até a última iniciativa de criar o Instituto de Antropologia do Ceará, nosso imortal Pompeu Sobrinho não recebeu, ao longo de sua laboriosa vida, as compensações devidas ao seu espírito construtivo, ao seu gênio telúrico, à vocação sua de arguto experimentador, tudo fazendo a bem do Nordeste e do Ceará, e em favor do seu povo, sem receber compensações ao nível do seu incontestável merecimento.

Doutor máximo e maior sábio do Ceará e do Nordeste, Cientista Político no mais alto sentido que essa palavra comporta, sempre foi avesso e infenso à atividade político-partidária, embora lhe pudesse ser fácil o seu exercício, ao tempo em que a família Pompeu dominou politicamente nosso Estado, através do Partido Conservador, e beneficiou a muitos valores, inferiores ao nível de sua rara estirpe.

Mas sempre esteve disposto a prestar ao Governo do Estado os serviços solicitados à sua indiscutível competência, e disso presto meu testemunho como ex-Governador do Ceará. Serviu com extremos de dedicação ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, embora não ouvissem suas advertências, de 1929, sobre o risco certo do arrombamento do açude de Orós, nem levassem em conta os estudos feitos sobre a reestruturação administrativa e operacional dessa importante agência do Governo Federal, entregues por ele à guarda da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Humanista nato e telúrico, o Mestre Pompeu Sobrinho foi, em boa verdade, o pioneiro, no Brasil, dessa Geografia Nova, Dinâmica e Ativa, e seu último ensaio de pesquisa geográfica, com que encerrou sua vasta bibliografia, versa sobre a Hidrografia Cearense, analisando as perspectivas de sua Evolução Cultural.

Desde que se ponha de lado sua obra póstuma sobre as Sesmarias do Ceará, não há negar que suas últimas conclusões se configuram do mesmo realismo otimista, mesmo discordando do sistema de trabalho vigente, assim doutrinando a final: "Desejávamos que, mesmo dentro de uma área res-

trita, só se projetassem obras e serviços, se adotassem processos criadores de riqueza e bem-estar social, depois de um completo e conveniente conhecimento de todos os elementos ou condições físicas, culturais e sociais, que pudessem intervir na orientação daqueles propósitos, ou melhor, no sistema esboçado de desenvolvimento. Queríamos: 1) um plano de ajustamento do meio geográfico às melhores condições de exploração sistemática; e 2) um plano de ajustamento do homem a esse meio, devidamente aparelhado, de modo que se tornasse apto àquela exploração" (Algumas Notas sobre a Hidrografia Cearense. **Aspectos** n.º 1, 1967, Revista da Secretaria de Cultura do Ceará).

Resta-me apreciar, mesmo ao de leve, após a análise do seu humanismo telúrico, quais as manifestações específicas de sua humanidade, através dos encantamentos de sua personalidade rara, de escol, o que farei com a ajuda de sua admirável Secretária, minha douta colega de universidade, amiga estimada e colaboradora emérita, a Professora Maria da Conceição Souza.

Através de nossa correspondência, ainda se me tornou possível levantar o nobre perfil do sábio Mestre e perfeito amigo, que me foi por alguns anos, o insubstituível Pompeu Sobrinho.

Dele guardarei para sempre, envolta em imorredoura saudade, sua lembrança inefável, vendo-o como sua zelosa Secretária, Professora Maria da Conceição Souza sempre o viu, também, e agora o reveremos, como se aqui estivesse ao nosso lado, ouvindo-nos, atentamente, e a discordar do "faceis" em que sempre o veremos, em meio às evocações d'alma, que fazem ressurgir o passado, na certeza firme e repousada de que o nosso presente é apenas uma extremidade desse segmento do tempo que se foi.

Maria da Conceição Souza, ao fim de uma vivência de 14 anos, ao lado do Mestre, em nosso Instituto, assemelha-o a uma imagem, como a iconografia católica nos apresenta os santos, pois sempre o viu com o mesmo "faceis", imperturbável. Embora fosse de excelente convívio, nada reclamava. Se não fosse colocado açúcar, no café que lhe era servido, sorvia-o aos goles, sem uma palavra, nem mesmo as naturais: dê-me o açúcar.

Autêntico, puro e simples, era incapaz de colocar quem quer que seja em situação difícil, conquanto que tudo se acla-

rasse condignamente. Sua encantadora simplicidade, levava-o a relevar tudo, chegando também a encontrar encantos amáveis, onde eles não se davam à primeira vista, como aconteceu com os trocadilhos em que se tornou exímia sua zelosa Secretária, minha douta amiga, Professora Maria da Conceição Souza.

Dela me veio o completo relato da ocorrência que motivou a divulgação da falsa notícia de que Mestre Pompeu Sobrinho morrera.

Na realidade, falecera em sua residência um jovem parente de sua esposa, Dona Alice, que ali estava passando férias mas no convite-enterro constava o nome do sábio, em primeiro lugar.

Bastou isso para levar um velho amigo que transitava em navio por Fortaleza — e ouviu a notícia pelo rádio, parcialmente — dar-se ao trabalho de divulgar no Rio de Janeiro o falecimento de Pompeu Sobrinho.

Nosso Instituto chegou a receber várias mensagens de pêsames por essa suposta morte e ele, ao tomar ciência da constrangedora ocorrência, riu-se muito enquanto ia rasgando essa correspondência, com a seguinte desculpa: "Se não fosse tanto elogio, mandaria ler tudo isso em sessão, para se ver somente como se mata uma pessoa."

Quando Maria da Conceição Souza me fez chegar esse relatório às minhas mãos, acrescentou-me algo que ora reproduzo em honra à memória do insubstituível Mestre Pompeu Sobrinho: "Sei que sofri muito a sua ausência. Foi como se perdesse um punhado de amigos, porque, para mim foi bom em muitas coisas".

Completo a evocação do nosso sábio, com o propósito de pedir emprestado à minha estimada amiga, Maria da Conceição Souza, os largos traços do seu perfil por ela gisados.

"Era um grande introspectivo e deve ter recebido muita correspondência de grandes personalidades, mas nunca as levou ao nosso Instituto, e nem consentiu em publicá-las em nossa Revista.

Falava pouco e estudava muito. Bom. Simples. Sincero. Amigo. Era um ateu que não sabia blasfemar".

Permito-me discordar de sua conclusão, pois sempre o considerei um agnóstico, assim tornado pelo condicionamento

de sua formação rigorosamente científica, cujos limites o privaram de ver a Deus e aceitá-Lo, embora já O tivesse em seu coração, irradiando-O através de sua exemplar humanidade e do seu humanismo telúrico.

Faltou-lhe somente alguém que dele se aproximasse e o visse em meditação, quase que de mãos postas, em atitude de oração.

Ouso lembrar, agora, que muito há ainda o que ser feito, em honha à memória veneranda do nosso Mestre Pompeu Sobrinho, ao ensejo da solene celebração do primeiro centenário do seu nascimento.

Há que ser realizada a sistematização de sua obra, inclusive com a publicação de tudo quanto o sábio deixou pronto, aguardando a oportunidade de vir a lume, por mais que pese o quase nenhum interesse pela sua leitura, nos tumultuários dias de uma civilização em crise.

Sua obra sistematizada e completa é uma garantia de sua projeção sobre sucessivos futuros, porque o forte e perfeito ideário, que a anima, é algo de potentemente contemporâneo, pela validade de suas teses, indicações e diretrizes, cientificamente assentadas como verdades irremovíveis.

Deve ser restaurada em nosso Instituto a tradição geográfica dos Pompeus, ressaltando-se o pioneirismo do imortal Pompeu Sobrinho como Mestre da nova Geografia, ativa e moderna.

Convicto estou de que o tempo decorrido, desde sua morte, não o tornou arcaico, permanecendo latente a verdade do seu pensamento científico, humanista e telúrico, ainda capaz de exercer uma hegemonia, ao cessarem as quimeras iludentes das comunicações de massa, os falsos acenos dos milagreiros e as superficialidades de uma civilização periférica e oca e de uma cultura do "faz-de-conta".

Quando cessar tudo isso que constitui o cerne da crise do nosso tempo, a atualidade do sábio Pompeu Sobrinho estará palpitando de vitalidade, porque há em sua mensagem imortal um senso de mediação entre os apelos da nossa terra desafiante e as necessidades vitais do nosso povo.

Louvor, honra e glória, portanto, ao doutor máximo do Ceará, seu autêntico sábio, que nos legou o ideário de salvação da nossa terra e do nosso povo, à disposição dos homens de boa vontade e boa fé.

O sol da glória haverá de iluminar sempre o vulto grandioso do imortal Pompeu Sobrinho, perante o qual o Instituto do Ceará se inclina, reverente, orgulhoso, iluminado, ao celebrar sua vida e sua obra gloriosa, como nume tutelar desta Casa do Barão de Studart, ao ensejo do auspicioso primeiro centenário do seu estelar nascimento.

Assim como dizia Napoleão Bonaparte — que fizera seus planos de batalha com os sonhos dos seus soldados adormecidos — assim também o sábio Pompeu Sobrinho procurou sempre interpretar os sonhos dos seus irmãos cearenses e nordestinos, criando com eles suas grandes iniciativas antropológicas e suas fortes verdades científicas, que nos levam a aplaudi-lo, sempre, com entusiasmo cívico, seguindo-o na ação contínua a que nos obrigou, de modo a serem valorizados o Nordeste e o Ceará, somente através da verdade resultante da Ciência, pesquisada e experimentada, crescente e aprofundadamente.

E se algum pedido ou conselho do seu alto espírito nos viesse nessa noite de vocações amáveis, para sermos fiéis à sua memória imortal, não vacilo em afirmar-vos que seria o amor à sua terra e à sua gente, humildemente traduzido e expresso num humanismo, avesso àquela estância XCV, do Canto Quarto, dos Lusíadas, quando o Cantor da Raça tira do seu esperto peito, os versos que contrastam com o "Sic transit gloria mundii!!! da Liturgia Católica, e assim ainda ressoam entre nós: "Oh glória de mandar/ oh vã cobiça

Desta vaidade, a quem chamamos fama!"

Certo estou, entretanto, de que a glória do nosso Pompeu Sobrinho jamais foi a de mandar e alcançar a fama, mas a de servir, ajudar, experimentar, perquirir, pesquisar, desenvolver e coordenar tudo quanto o levasse a auxiliar, válida e cientificamente, ao progresso do Nordeste e à valorização da nossa gente!

Do alto de sua imortalidade, imune a essa fama, que passa e se esvai, mas de consciência tranqüila, nosso Mestre Thomaz Pompeu Sobrinho, prefere dizer-nos, como síntese de sua grande vida, o que o bom senso do Poeta nos ensina:

"Eu desta Glória só fica contente

Que a minha terra amei E a minha gente".